

NO TERCEIRO DIA

testemunhando a ressurreição
do começo ao fim



revista cristã
última chamada

DAVID SCHROCK

O Fim dos Tempos como você nunca ouviu falar!



- ▶ Arrebatamento
- ▶ Fim do mundo
- ▶ Guerras
- ▶ Grande Tribulação
- ▶ Milênio
- ▶ Preterismo
- ▶ Pós-milenismo



**www.
revistacrista
.org**

No Terceiro Dia

Testemunhando a Ressurreição
do Começo ao Fim

David Schrock

Tradução e adaptação textual por
César Francisco Raymundo



revista cristã
última chamada

Patrocine esta obra!

Colabore com este trabalho que visa reformar o verdadeiro ensinamento sobre a Escatologia (ou fim dos tempos), o qual foi tão suprimido nos últimos séculos. Acima de tudo pedimos que nos ajude com as suas orações, para que possamos continuar a ter vigor para continuar e resistir os desafios de cada dia.

Se você pretende patrocinar esta revista, saiba, nós não prometemos as bênçãos de Deus para você, mas garantimos que você estará abençoando outros que precisam ter nossas literaturas gratuitamente.

Doe via depósito bancário

Banco: Caixa Econômica Federal

Em favor de: César Francisco Raymundo

Agência: 3298

Operação: 013

Conta: 00028081-1

Usufua gratuitamente do site

Temos perto de mil arquivos de artigos, vídeos e mensagens sobre escatologia em geral. Todos eles divididos em ordem alfabética.

www.revistacrista.org

Contato:

ultimachamada@bol.com.br

contato@revistacrista.org

No Terceiro Dia

Testemunhando a Ressurreição do Começo ao Fim

Autor: David Schrock

Site: <https://christooverall.com/article/longform/on-the-third-day-seeing-resurrection-from-beginning-to-end/>

Acessado dia 22/05/2026

Capa: César Francisco Raymundo
(Imagem da Internet)

Revista Cristã Última Chamada publicada com a devida autorização e com todos os direitos reservados no Escritório de Direitos Autorais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro sob nº 236.908.

É proibida a distribuição deste material para fins comerciais.

É permitida a reprodução desde que seja distribuído gratuitamente.

Editor

César Francisco Raymundo

E-mail: ultimachamada@bol.com.br

Site: www.revistacrista.org

Porto Belo – Santa Catarina

Maio de 2026

Índice

| | |
|--|----|
| Sobre o autor | 07 |
| Apresentação | 08 |
| No terceiro dia: Testemunhando a Ressurreição do Começo ao Fim. | 10 |
| Três observações estruturais sobre Gênesis 1:9–13 | 12 |
| Primeiro, o terceiro dia tem duas seções. | 12 |
| Em segundo lugar, o terceiro dia repete “e Deus viu que era bom” nos versículos 10 e 12. | 12 |
| Terceiro, o terceiro dia é o primeiro dia para preencher a Terra. | 13 |
| Lendo Gênesis 1 | 15 |
| [1] Gênesis 1 não foi escrito como puramente simbólico, nem devemos interpretá-lo alegoricamente. | 16 |
| [2] Gênesis 1 contém eventos históricos, pessoas e coisas que foram criadas por Deus para instituir padrões (tipos) para o resto da criação, Escritura e história da redenção. | 17 |
| Terra seca 'apareceu' | 19 |
| O Dia das Primícias | 22 |
| O Dia Duplamente Bom | 25 |
| Presenciando a Ressurreição do Início ao Fim | 29 |
| Apêndice A: Uma lista de vários avistamentos do terceiro dia no Antigo Testamento | 32 |
| Notas | 34 |
| Obras importantes para pesquisa... | 37 |

Sobre o Autor



David Schrock é o pastor de pregação e teologia da Igreja Bíblica de Occoquan em Woodbridge, Virgínia. David é formado duas vezes pelo Seminário Teológico Batista do Sul. Ele é membro fundador do corpo docente e professor de teologia no Seminário Teológico de Indianápolis. É autor de " Sacerdócio Real e Glória de Deus", além de diversos artigos em periódicos e ensaios online.

Apresentação

Há verdades nas Escrituras que, quando finalmente percebidas, transformam completamente nossa maneira de ler a Bíblia. A ressurreição de Cristo é uma delas. Mais do que um evento isolado ocorrido em Jerusalém no primeiro século, a ressurreição é o fio dourado que percorre toda a revelação bíblica — do Gênesis ao Apocalipse.

Neste precioso ebook, *No Terceiro Dia — Testemunhando a Ressurreição do Começo ao Fim*, David Schrock conduz o leitor por uma jornada profundamente bíblica e extraordinariamente esclarecedora, demonstrando que a revelação da ressurreição no “terceiro dia” não começa apenas nos Evangelhos, mas já está presente desde os primeiros capítulos de Gênesis.

Ao longo destas páginas, veremos que Deus inscreveu na própria criação sinais da vida que vence a morte. O despertar do sono. A semente que morre para produzir fruto. A terra seca emergindo das águas. O florescer da vegetação no terceiro dia. Tudo isso aponta para a grande realidade da ressurreição de Cristo e da esperança eterna do seu povo.

Como o próprio Senhor Jesus declarou:

“Em verdade, em verdade vos digo que, se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, dá muito fruto”.

— João 12:24

E como Paulo afirmou:

“Cristo ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras”.

— 1ª Coríntios 15:4

Mas quais Escrituras? Essa é precisamente a pergunta que este estudo responde de forma brilhante.

Com profundidade teológica e reverência às Escrituras, Schrock mostra como os padrões do “terceiro dia” aparecem repetidamente ao longo do Antigo Testamento — em Isaque, Jonas, no Sinai, no Mar Vermelho, nas primícias, na travessia do Jordão e em tantos outros eventos — formando uma poderosa antecipação da vitória definitiva de Cristo sobre a morte.

Mais impressionante ainda é perceber que esses padrões não são alegorias inventadas posteriormente, mas estruturas reais colocadas pelo próprio Deus na criação e na história da redenção, preparando o mundo para a glória da ressurreição.

Este e-book não apenas amplia nossa compreensão bíblica; ele fortalece nossa esperança. Pois o Deus que fez a terra emergir das águas no terceiro dia é o mesmo Deus que ressuscitou Jesus dentre os mortos — e é o mesmo Deus que prometeu ressuscitar todos aqueles que estão em Cristo.

Vivemos, muitas vezes, entre o “segundo dia” do silêncio e o “terceiro dia” da esperança. Contudo, esta mensagem ecoa através das Escrituras e alcança nossos corações: o domingo está chegando.

Que a leitura desta obra conduza você a contemplar com novos olhos a beleza da Palavra de Deus, a profundidade do evangelho e a certeza gloriosa da ressurreição.

Porque desde o princípio, Deus já anunciava o triunfo da vida sobre a morte.

Boa leitura!

César Francisco Raymundo
Editor Revista Cristã Última Chamada

No terceiro dia: Testemunhando a Ressurreição do Começo ao Fim.

Acordando do sono. Sementes brotando da terra. Nova vida surgindo na primavera. Crianças chegando ao mundo com o romper das águas.

Essas e outras imagens são usadas na Bíblia para descrever a gloriosa realidade da ressurreição e doutrinas relacionadas. Por exemplo, Jesus diz em João 12:24: “Em verdade, em verdade vos digo que, se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, dá muito fruto”. Da mesma forma, Paulo fala do corpo mortal como uma semente que é sepultada em desonra e ressuscitada em glória (1ª Coríntios 15:42-49). Ou considere como o despertar do sono é comparado à ressurreição quando Paulo diz em Efésios 5:14: “Desperta, ó tu que dormes, levanta-te dentre os mortos, e Cristo te iluminará”.

Este testemunho iluminador emerge de uma série de textos do Antigo Testamento (por exemplo, Isaías 51:17; 52:1; 60:1; Malaquias 4:2), visto que o tema do despertar do sono se torna um eufemismo maravilhoso para a morte dos crentes no Novo Testamento (ver Mateus 27:52; João 11:11; 1ª Coríntios 15:6, 18, 20, 51; 1ª Tessalonicenses 4:13-15, etc.). Mas não é apenas o despertar do sono, ou as sementes brotando para a vida, que captura a maravilha da ressurreição; há uma série de outras imagens da criação que também se relacionam com a ressurreição. Por exemplo, Jesus é chamado de

primogênito dentre os mortos em Colossenses 1:18 e Apocalipse 1:5. E, igualmente, Jesus se autodenomina a videira verdadeira (João 15:1), da qual seus ramos brotarão e darão fruto.

Resumindo, imagens relacionadas à ressurreição de Cristo e seu povo não faltam no Novo Testamento. E, como temos considerado ao longo deste mês em Cristo Acima de Tudo, evidências da ressurreição também não faltam no Antigo Testamento. Pois, como Paulo descreve seu evangelho em 1ª Coríntios 15:3-5, ele diz que Cristo “ressuscitou ao terceiro dia, de acordo com as Escrituras”.

Como Stephen Dempster e Nicholas Lunn demonstraram em seus magistrais ensaios sobre o terceiro dia no Antigo Testamento, surge na narrativa das Escrituras uma antecipação de que a redenção, a esperança e a vida são encontradas no terceiro dia.¹ Por exemplo, Isaque é ressuscitado no terceiro dia (Gênesis 22:4). O Senhor se encontrou com o seu povo no Sinai (Êxodo 19:11). Jonas retorna à terra no terceiro dia (Jonas 1:17). Essas e mais de vinte outras “ressurreições” no terceiro dia podem ser encontradas no Antigo Testamento, e elas estabelecem uma trajetória em direção à ressurreição de Cristo no terceiro dia.²

No entanto, argumentarei a seguir que esse padrão de terceira vida está fundamentado na própria criação, e não em uma característica posterior da história da redenção. Embora a ressurreição de Cristo seja frequentemente vista como o alvorecer da nova criação, observa-se com menos frequência que a própria criação, especialmente Gênesis 1:9-13, aponta para a ressurreição. Mas aponta, e, a seguir, estabelecerei uma conexão entre o terceiro dia da criação e a nova criação que vem com a ressurreição de Cristo. Mas antes de apresentar o argumento, permitam-me oferecer três observações sobre a estrutura de Gênesis 1:9-13, pois essas três características textuais guiarão nossos passos entre a criação e Cristo.

Três observações estruturais sobre Gênesis 1:9–13

Em Gênesis 1:9–13, Moisés relata a obra de Deus no terceiro dia da criação. E por comparação com os outros dias da semana da criação (especialmente os dias 1 e 2), podemos observar pelo menos três características únicas.³

Primeiro, o terceiro dia tem duas seções.

No terceiro dia, a primeira seção consiste na separação da terra seca do mar (Gênesis 1:9-10). A segunda seção descreve o plantio de grãos e árvores frutíferas (Gênesis 1:11-12). Este duplo ato de criação no terceiro dia se destaca em comparação com os dias 1 e 2, onde cada dia teve apenas um ato de fala ordenando a criação.⁴

Em segundo lugar, o terceiro dia repete
“e Deus viu que era bom” nos versículos 10 e 12.

Essa dupla afirmação nos faz olhar para o Dia 2, onde constatamos que não houve menção à bondade. Facilmente despercebido em uma leitura rápida, esse padrão de Bondade (Dia 1), Silêncio (Dia 2) e Dupla Bondade (Dia 3) é a primeira chave que desvenda esta seção, e a revisitaremos em breve.

Terceiro, o terceiro dia é o primeiro dia para preencher a Terra.

Nos dias 1 e 2, encontramos a separação da luz e das trevas, seguida pela separação do céu e da terra. Ou, mais precisamente, o dia 2 apresenta a separação das águas acima do firmamento das águas abaixo dele. No dia 3, temos outra separação entre a terra e o mar, mas também a criação das plantas e das árvores frutíferas. Isso significa que os dias 1 a 3 não são dedicados simplesmente à formação da terra, pois o dia 3 começa a preenchê-la, assim como os dias 4 a 6 farão o mesmo.

Portanto, ao aprofundarmos as conexões entre o terceiro dia da criação e a ressurreição de Cristo no terceiro dia, estas são três observações que precisamos ter em mente ao lermos Gênesis 1:9-13.

[§ 1] 9 E disse Deus: Ajuntem-se as águas debaixo dos céus num só lugar, e apareça a porção seca. E assim foi. 10 À porção seca chamou Deus Terra, e ao ajuntamento das águas chamou Mares. [1] E viu Deus que era bom.

[§ 2] 11 E disse Deus: Produza a terra vegetação: plantas que deem semente e árvores frutíferas que deem fruto segundo a sua espécie, cuja semente esteja nele, sobre a terra. E assim foi. 12 A terra produziu vegetação: plantas que dão semente segundo a sua espécie e árvores que dão fruto segundo a sua espécie, cuja semente está nele. [2] E viu Deus que isso era bom.

13 E houve tarde e houve manhã, o terceiro dia.

Desses cinco versículos emergem diversas características textuais que apontam para a ressurreição de Cristo. Contudo, para percebê-las, é fundamental ler o texto corretamente. Em outras palavras, existem, a meu ver, maneiras admissíveis e inadmissíveis de “encontrar” a ressurreição de Cristo em Gênesis 1:9-13. Portanto,

antes de apresentar um argumento construtivo a partir do texto, permitam-me compartilhar alguns compromissos metodológicos.

Lendo Gênesis 1

Ao começarmos a analisar Gênesis 1, vale a pena perguntar: como devemos interpretar essa passagem? Gênesis 1 é um relato histórico? Ou um simbolismo? Ou algo de ambos?

Já revelei minhas intenções ao afirmar que o terceiro dia da criação está ligado ao tema da ressurreição no terceiro dia. Mas vale a pena perguntar: era essa a intenção do autor? Ou trata-se apenas de uma interpretação minha?

Se você acredita que Gênesis 1 é história — como eu acredito — isso não elimina a possibilidade ou o potencial de que, embutidos na criação, estejam tipos, padrões e sombras que prefiguram eventos posteriores na história. De fato, a Bíblia está repleta de história real e de uma criação real, que, por sua vez, cria símbolos reais e sinais proféticos que apontam para glórias futuras. Portanto, em resposta à pergunta — Como devemos ler Gênesis 1:9-13? — tenho dois compromissos.

[1] Gênesis 1 não foi escrito como puramente simbólico, nem devemos interpretá-lo alegoricamente.

[2] Gênesis 1 contém eventos históricos, pessoas e coisas que foram criadas por Deus para instituir padrões (tipos) para o resto da criação, Escritura e história da redenção.

Deixe-me explicar.

[1] Gênesis 1 não foi escrito como puramente simbólico, nem devemos interpretá-lo alegoricamente.

A alegoria é a prática de dizer que isto (na Bíblia) significa aquilo (fora da Bíblia). Por exemplo, Orígenes disse certa vez que a terra seca do terceiro dia representava as boas ações realizadas no corpo, e as águas debaixo do céu representavam os pecados e vícios dos quais devemos nos separar.⁵ Isso certamente é inteligente e pode até estar em consonância com a doutrina ou a ética cristã, mas essa leitura alegórica ignora o ponto principal de Gênesis 1 — ou seja, como Deus criou o mundo. E, conseqüentemente, tal leitura de Gênesis 1 minimiza o fato histórico da criação e convida os leitores a procurar símbolos em cada detalhe.

No entanto, Orígenes não está sozinho. Matthew Henry faz algo semelhante. Em seu popular comentário, Henry alegoriza Gênesis 1:9-13 quando diz: “Muitos dos dons de Deus são recebidos em vão, porque estão enterrados... [e é preciso] fazê-los aparecer, [para que] se tornem úteis”.⁶ Isso também soa profundo, mas não tenho ideia do que significa, porque Henry não diz como fazer com que dons enterrados emerjam da terra. Nem explica como o relato de Gênesis oferece tal bússola moral.

Para reiterar: Gênesis 1 revela o que Deus fez no princípio, e embora os homens, feitos à sua imagem, devam imitá-lo, somente Deus é o criador. Isso significa que somente Ele pode fazer a terra seca aparecer, e não há nada aqui para os humanos imitarem de forma material. Em vez disso, esta passagem revela algo sobre Deus, o que Deus fez e, talvez, o que Deus pode e irá fazer novamente — se houver uma nova criação.

[2] Gênesis 1 contém eventos históricos, pessoas e coisas que foram criadas por Deus para instituir padrões (tipos) para o resto da criação, Escritura e história da redenção.

Para aqueles que estão familiarizados com a tipologia bíblica, este segundo compromisso deve ser familiar.⁷ Mas permitam-me ilustrá-lo com relação à ressurreição. Em 1^a Coríntios 15, Paulo diz que a ressurreição de Cristo são as primícias da colheita da ressurreição. Até aquele dia final da ressurreição, o corpo dos crentes é como uma semente plantada na terra — uma semente que é enterrada perecível, mas ressuscitada impercível. Paulo está usando imagens da criação para falar da nova realidade da ressurreição.

E de onde ele tira essa simbologia? De vários lugares, mas tudo começa com a semana da criação. Se a ressurreição é uma nova realidade da criação, então é apropriado que a semana da criação a informe — e isso inclui a ressurreição no terceiro dia, quando o fruto da terra brota e ganha vida, assim como as árvores frutíferas no terceiro dia.

Em outras palavras, o que Deus fez na criação e o que Moisés escreveu em Gênesis 1 fornece um padrão de vida ressurreta que encontramos em todo o resto da Bíblia. Quando o homem caiu em pecado, Deus não olhou para a sua criação para ver o que poderia fazer. Deus não é como um MacGyver cósmico, um inventor de soluções rápidas que cria um plano de salvação com qualquer circunstância aleatória que encontra no mundo.⁸ Não, muito melhor: Deus encheu o seu mundo com terra e mar, árvores e sementes, para que pudesse nos dar categorias para nos explicar o significado da

ressurreição — uma realidade planejada por Deus antes da criação do mundo (cf. 1ª Pedro 1:20).

Juntando as peças, então, esta leitura de Gênesis 1 não é alegoria, mas tipologia. E na criação do mundo, Deus separou a terra e o mar e plantou árvores que produzem sementes, exatamente como diz Gênesis 1:9-13. Contudo, oculto à vista de todos, está um padrão de vida ressurreta que seria revelado na plenitude dos tempos, de modo que, olhando para a criação a partir do Domingo de Páscoa, podemos agora ver como as palavras de Deus em Gênesis 1:9-13 estavam carregadas de vida ressurreta. E isso é verdade em geral, mas também em grande detalhe, como veremos a seguir nas três evidências da ressurreição.

Terra seca 'apareceu'

Em Gênesis 1:9-10, Moisés fala sobre como as águas recuam e a terra seca emerge. Curiosamente, a linguagem para terra seca é usada em todo o Antigo Testamento para se referir à terra que Deus criou em eventos como a travessia de Israel pelo Mar Vermelho ou pelo Rio Jordão.

Por exemplo, Êxodo 15:19 diz: “Porque quando os cavalos de Faraó, com os seus carros e os seus cavaleiros, entraram no mar, o Senhor fez recuar as águas do mar sobre eles, mas os filhos de Israel caminharam em terra seca no meio do mar”. Ou considere Josué 4. Quando Israel atravessou as águas inundadas do Jordão, o versículo 22 diz: “então dirás aos teus filhos: ‘Israel atravessou este Jordão em terra seca’”.⁹

Em períodos posteriores da redenção, Deus repetiu o evento da criação do terceiro dia. Quando o Mar Vermelho se apresentou diante de Israel, Deus criou a terra seca como uma ponte de salvação. Da mesma forma, quando as águas da enchente do rio Jordão bloquearam o caminho de Israel para a terra prometida, Deus criou terra seca no meio do rio.

Em resumo, somente Deus é capaz de criar terra seca, assim como o Salmo 24 diz sobre a terra: “Pois ele a fundou sobre os mares e a firmou sobre os rios”. Ou como o Salmo 33:7 diz sobre os mares: “Ele ajunta as águas do mar como num montão”. De fato, Deus é quem controla todas as coisas, inclusive o surgimento de terra seca

através das águas, o que também prefigura a ressurreição de pelo menos duas maneiras.

Primeiramente, a terra seca que emerge das águas antecipa a criação da humanidade. Como indica Gênesis 2:7, Deus formou o homem do pó da terra. Esse pó provém da terra seca, que aparece no terceiro dia. Assim, lendo Gênesis 1 e 2 em conjunto, não é descabido perceber como esse surgimento da terra seca aponta para a criação da humanidade, ou como a ressurreição de Cristo pode ser mencionada em relação à formação do homem (“primogênito dentre os mortos”). Certamente, essa formação da terra seca não é suficiente para estabelecer uma conexão com a ressurreição, mas é necessária, pois não pode haver vida humana sem que a terra seca surja das águas.¹⁰

Mais impressionante ainda é o fato de que os eventos aquáticos na Bíblia — frequentemente chamados de “batismos” — usam imagens que correspondem a Gênesis 1:9-10. Quando Noé passou pelas águas do julgamento no Dilúvio, Pedro comparou isso ao batismo (1ª Pedro 3:21). Da mesma forma, Paulo diz que Israel foi “batizado em Moisés, na nuvem e no mar” (1ª Coríntios 10:2). Igualmente, o batismo em Cristo, de acordo com Romanos 6:3-4, é uma morte e ressurreição. Em suma, a vida que vem do outro lado das águas do julgamento de Deus é um padrão que percorre toda a Bíblia, mas essa vida de ressurreição é vista pela primeira vez em Gênesis 1:9-10.

Na verdade, a ressurreição torna-se mais visível no terceiro dia, quando consideramos a palavra “aparecer” no versículo 9 e como Paulo usa essa palavra em 1ª Coríntios 15. Ao descrever a ressurreição de Cristo nos versículos 4 a 6, Paulo usa a palavra “aparecer” duas vezes: “Cristo ressuscitou dentre os mortos no terceiro dia, conforme as Escrituras, e apareceu a Cefas, depois aos doze. Em seguida, apareceu a mais de quinhentos irmãos de uma só vez, a maioria dos quais ainda vive”.

Agora, Paulo poderia simplesmente estar usando a palavra “aparecer” em um sentido geral. Mas duas coisas se destacam. (1) Ele poderia ter usado várias outras palavras para falar de Cristo se mostrando após a sua ressurreição, mas não o faz. Ele usa a palavra *horaō*, que é a mesma palavra usada em Gênesis 1:9-10 (LXX). (2) Sabemos que Paulo estava explicando a ressurreição de Cristo em 1ª Coríntios 15 conectando-a a Gênesis 1. Como sabemos? Porque os temas da criação permeiam todo o capítulo. Como Nicholas Lunn resume.

Em [1ª Coríntios 15:]39–41, ele [Paulo] lista os vários elementos criados nos Dias 4–6 (Gênesis 1:14–27) em ordem inversa exata (homens, animais, pássaros, peixes, corpos celestes). Visto que Paulo certamente tinha em mente esses outros dias da criação, é extremamente plausível que ele também estivesse contemplando o Dia 3 no contexto.¹¹

Se essa interpretação for válida, então o que temos nas palavras inspiradas de Paulo é uma explicação da ressurreição de Cristo como uma nova criação, que visa espelhar a primeira criação. Pois, naquela primeira criação, o aparecimento da terra seca não é apenas histórico e real; é tipológico, na medida em que nos prepara para ver a realidade posterior e maior do poder de Deus para ressuscitar os mortos. Portanto, essa é uma conexão lexical que existe entre Gênesis 1:9-13 e 1ª Coríntios 15, mas não é a última, nem mesmo a melhor.

O Dia das Primícias

Com a crescente convicção de que o terceiro dia em Gênesis antecipa a ressurreição, chegamos à segunda parte desse dia, o brotar das sementes da terra (Gênesis 1:11-12). Como mencionado anteriormente, esses versículos registram o segundo discurso divino para o terceiro dia, e desta vez as palavras de Deus descrevem o surgimento da vida vegetal na terra.

Sem me desviar para uma discussão importante sobre as maneiras pelas quais as plantas podem ter existido antes da formação do sol (Dia 4), quero chamar a atenção para a forma como essas plantas que produzem sementes e árvores frutíferas são criadas por Deus. Em outras palavras, se deixarmos que a Palavra inspirada de Deus nos guie, não há dificuldade em imaginar Deus — como a luz do mundo — dando origem a essas árvores frutíferas e grãos que produzem sementes.

Dia 1: Ele produz a luz do céu que brilha sobre a terra.

Dia 2: Ele separa os céus da terra.

Dia 3: ele cria as árvores e os grãos que irão preencher a terra e alimentar suas criaturas.

Fundamentalmente, não são as plantas que alimentarão o seu povo; é o próprio Deus quem alimentará o seu povo com plantas (cf. Salmos 104:14-15). Essa é uma diferença pequena, mas significativa: o alimento não vem da terra, mas vem de Deus, que faz da terra um lugar para cultivar grãos e frutos.¹²

Tendo Deus no centro deste dia, portanto, estamos prontos para considerar como Deus criou a vida na Terra. Ou seja, nosso Criador não produziu a vida apenas por processos naturais. Em vez disso, o mundo tem vida porque Deus é a fonte da vida e sustenta o universo com a sua Palavra (Hebreus 1:2).

Nesse contexto, quando Gênesis 1:11 diz: “Disse Deus: ‘Produza vegetação sobre a terra... e assim foi’”, Ele estava trazendo vida da terra. Em outras palavras, Deus é a causa última e essas plantas que produzem sementes são a causa próxima. E, à medida que Moisés registra esses eventos a partir do terceiro dia, é vital perceber como o padrão da criação no terceiro dia gera um padrão de vida na terra que, por sua vez, gera expectativas de ressurreição ao longo do tempo e dos textos bíblicos.

Por exemplo, em Levítico 23:9-14, a festa das primícias ocorre no terceiro dia. E isso não é por acaso. Como a Páscoa acontece no sexto dia da semana, e o sábado ocorre no dia seguinte (o sétimo dia, que é o segundo dia após a Páscoa), a festa das primícias começa no primeiro dia da semana, que é o terceiro dia. E, igualmente importante, o sacerdote, nesse dia, ergue (ou levanta) a oferta de cereais para o céu. Como Mark Rooker e outros observaram corretamente, essa oferta, que celebra as primícias da colheita, prefigura a ressurreição.¹³ Mas, crucial para o nosso estudo, a festa das primícias ocorre no terceiro dia. Assim como Deus fez brotar plantas que dão vida no terceiro dia, o calendário sabático de Israel também segue esse padrão.

A festa do terceiro dia em Israel não apenas aponta para Cristo, que é as primícias da colheita da ressurreição (1ª Coríntios 15:20-24), mas também remete ao terceiro dia da criação, quando Deus fez surgir as primícias da terra. Dessa forma, existe uma conexão natural no mundo de Deus do princípio ao fim, e nas Escrituras há uma conexão textual que começa na criação, continua em Israel e é levada a Cristo, à medida que ele cumpre todos os dias da semana, incluindo

o dia em que os frutos foram dados pela primeira vez — o terceiro dia!

O Dia Duplamente Bom

Tudo o que Deus cria é bom (Tiago 1:17), contudo, como observamos anteriormente, o segundo dia é o único em que Deus não afirma: “E era bom”. Em vez disso, quando Deus separa os céus da terra, há um silêncio notável. E o leitor atento deve perguntar: “Por quê?”

Se pudermos aprender algo com os outros dias, talvez seja com o sexto dia, quando Deus diz que não é bom que o homem esteja só (Gênesis 2:18). Notavelmente, esse dia, que começa com “não é bom”, termina com o superlativo “é muito bom” (Gênesis 1:31). Comparando Gênesis 1 com Gênesis 2, descobrimos que Gênesis 2:4-25 é uma expansão do sexto dia (Gênesis 1:24-31). E isso significa que a bondade superlativa do sexto dia (Gênesis 1:31) segue a solução para o problema de que não era bom que o homem estivesse só (Gênesis 2:18). Da mesma forma, a dupla declaração de bondade no terceiro dia fornece uma solução para um problema do segundo dia — a ausência de qualquer bondade declarada que decorra da separação entre o Céu e a Terra.

Ou seja, a formação dos céus no segundo dia cria uma extensão entre o céu e a terra, que antecipa uma distância entre Deus e o homem. Essa distância, antes da queda, não se deve ao pecado, mas representa a posição original do homem diante de Deus. Deus criaria a humanidade à sua imagem no sexto dia e, como indica Gênesis 2:15-17, Deus criou Adão para ter comunhão com Deus enquanto o servia como sacerdote real. Além disso, como Gênesis 2:4 introduz o primeiro toledote em Gênesis (“Estas são as gerações dos céus e da

terra...”), é possível (provável?) que a união do homem e da mulher em Gênesis 2:18-25 explique (como um mistério) como os portadores da imagem de Deus unirão o céu e a terra.¹⁴

Assim, mesmo tendo sido criado o homem totalmente reto e bom em sua natureza original, seu fim último — o repouso sabático na presença do Senhor (Gênesis 2:1-3) — só seria alcançado por meio da observância da aliança que lhe foi oferecida no Éden (o que frequentemente se chama de aliança das obras). Portanto, a glorificação da humanidade exigiria obediência à aliança. Ou, dito de outra forma, a única maneira de o homem ascender ao monte do Senhor, para que o céu e a terra pudessem ser unidos, era obedecer a Deus na terra, para que o Deus do céu pudesse desfrutar de comunhão eterna com aqueles que foram feitos à sua imagem.

Como bem sabemos, foi aí que Adão falhou. Mas foi também aí que o Último Adão triunfou. Quando Cristo cumpriu todos os aspectos da Lei, mereceu todas as bênçãos prometidas por ela. Mas, em vez de receber essas bênçãos imediatamente, ofereceu-se para morrer pelas maldições do seu povo (Gálatas 3:13), para que, na sua ressurreição, pudesse desfrutar dessas bênçãos com todos aqueles por quem morreu.

Ainda assim, há outro elemento da morte e ressurreição de Cristo que se revela ao analisarmos novamente os Dias 2 e 3. Ou, dito de outra forma, ao compararmos a criação com Cristo, aprendemos algo vital. A saber, se o céu e a terra estão separados no Dia 2, então a ausência da bênção (“E viu Deus que era bom”) está ausente. E, em comparação com o restante da semana da criação, o silêncio é ensurdecedor. Da mesma forma, quando o Dia 3 apresenta duas declarações de bondade, podemos observar o padrão: bom, não bom, duplamente bom!

De modo semelhante, quando Cristo ressuscita dos mortos no terceiro dia, o silêncio do Sábado Santo é seguido pela boa nova de

que “ele não está aqui, pois ressuscitou” (Mateus 28:6). Indo além, podemos observar também que a Festa das Semanas (Pentecostes) ocorre num domingo, coincidindo com o dia da ressurreição de Cristo. Da mesma forma, como o Espírito é quem produz fruto naqueles que nasceram de novo pela ressurreição de Cristo (1ª Pedro 1,3), ele também é quem une o céu e a terra, pois o Senhor pode andar entre o seu povo no Dia do Senhor (Apocalipse 2-3) e o seu povo, habitado pelo Espírito, é convidado a aproximar-se do trono da graça quando se reúne para o culto no primeiro dia da semana (cf. Hebreus 12:22-24) — que celebra a ressurreição de Cristo.

Resumindo, ao compararmos os eventos da vida, morte e ressurreição de Cristo com os da vida, morte e ressurreição de Cristo, podemos começar a perceber como os três primeiros dias da criação em Gênesis prefiguram Cristo. Em outras palavras, como Jesus diz em João 8:12 e João 9:5, ele é a luz do mundo (Dia 1). Da mesma forma, quando é erguido na cruz, fica suspenso entre o céu e a terra (Dia 2). E quando ressuscita dos mortos (Dia 3), traz ao mundo uma nova criação que ressuscitará o seu povo dentre os mortos. De fato, Paulo chama Jesus de primícias da colheita eterna (1ª Coríntios 15:20-24), e, como vimos em Gênesis 1 e Levítico 23, essa imagem não é acidental. Ela está ligada aos planos de Deus que foram revelados desde o princípio.

Da mesma forma, quando olhamos para o Santo Fim de Semana de Cristo, vemos como a morte de Jesus na cruz inaugurou uma nova aliança entre Cristo e sua noiva (Hebreus 9:15), assim como o sexto dia introduziu uma aliança matrimonial entre Adão e Eva (Mateus 2:14), por meio de sua própria “morte e ressurreição”. Similarmente, no sétimo dia da semana, quando Cristo foi colocado no túmulo, ele foi julgado por Deus como justo, de modo que no primeiro dia da semana (o terceiro dia após sua morte), o Filho de Deus ressuscitaria da terra, assim como a semente que foi sepultada agora é trazida de volta à vida.¹⁵

Percebo que estou misturando metáforas e mencionando outros dias também, mas é exatamente isso que os Apóstolos também fazem.¹⁶ E à luz de seus ensinamentos, podemos ter certeza de que o relato da criação em Gênesis não apenas nos revela como Deus criou o mundo, mas também nos diz que a maneira como Deus criou o mundo no princípio é como ele está fazendo novamente. Assim como na primeira criação, a nova criação veio com a ressurreição de Cristo — só que esta criação é melhor!

Presenciando a Ressurreição do Início ao Fim

Quando permitimos que a luz da ressurreição de Cristo ilumine nossa leitura de Gênesis 1, vemos como a tipologia de Gênesis 1:9-13 conduz à ressurreição de Cristo e também influencia nossas próprias vidas. Pois consideremos que, assim como o segundo dia da criação não era bom em si mesmo, o dia anterior à ressurreição também não o era. O que era bom era o aparecimento da terra no terceiro dia, quando Deus separou a terra do mar. E, portanto, ele diz da terra e dos mares que Deus viu que era bom. Deus avaliou a formação da terra seca e a julgou boa. Da mesma forma, quando a terra seca produziu vegetação, isso também era bom, porque a terra ganhou vida.

De fato, a luz é boa, e Deus afirma isso no primeiro dia. E a vida na terra é boa, por isso Deus a considera boa no terceiro dia. Mas, no segundo dia, a separação entre o céu e a terra não é boa — pelo menos, ainda não. Aliás, poderíamos até dizer que o dia anterior ao terceiro dia nunca é bom. E se o terceiro dia representa um padrão de ressurreição, redenção e renovação nas Escrituras, então o dia anterior ao terceiro dia é sempre o pior, o mais sombrio e o mais desesperançoso.

Certamente, esse foi o caso dos discípulos no dia entre a morte e a ressurreição de Cristo. No Sábado Santo — o dia anterior à ressurreição de Cristo — os discípulos estavam reunidos em Jerusalém, sem nenhuma certeza do futuro e sem conhecimento do amanhã. Pelo Novo Testamento, podemos agora dizer que Cristo

desceu ao Sheol para proclamar a sua vitória (1ª Pedro 3:18) e trouxe consigo os santos que aguardavam a sua libertação (Salmo 16:10), mas até o terceiro dia chegar, a distância entre o céu e a terra era inegavelmente vasta e toda a esperança para o futuro estava sepultada. Contudo, quando o terceiro dia amanheceu e Cristo ressuscitou, tudo fez sentido nos dias anteriores e ofereceu esperança para todos os dias que viriam. E, biblicamente, é isso que precisamos ver ao analisarmos Gênesis 1:9-13.

Contudo, precisamos ver mais. Pois, assim como a morte e ressurreição de Cristo oferecem um modelo de discipulado para todos os que o seguem, também o faz a realidade do segundo dia, aguardando o terceiro. Quantas vezes Deus leva seu povo a sentir o silêncio do segundo dia, o dia que parece não ter nada de bom? Quantas vezes Deus conduz seu povo à parte mais escura da noite antes do amanhecer? Teologicamente, a ressurreição não pode ocorrer antes da morte. E se Gênesis 1:9-13 serve de indicação, a repetição da bondade de Deus no terceiro dia só acontece após o silêncio do segundo dia. No segundo dia, Deus está agindo, mas isso ainda não pode ser visto. O céu ainda está muito distante da terra, e na própria terra, a terra que dá vida e as árvores frutíferas ainda estão submersas pelas águas.

Contudo, como proclamou o grande pregador S. M. Lockridge: “O domingo está chegando”. E para os cristãos que aprenderam a ler Gênesis 1:9-13 em conexão com a ressurreição de Cristo, isso fará mais do que lhes dar uma compreensão mais clara de Cristo; também os ajudará a compreender a sua própria ressurreição em Cristo. Pois, embora tenhamos experimentado a luz de Cristo brilhando em nossos corações (Dia 1) e tenhamos recebido a absoluta certeza da nossa própria ressurreição corporal (Dia 3), ainda vivemos em um tempo que se interpõe entre o céu e a terra. Pela obra consumada de Cristo, temos o Espírito e a Palavra que fazem a ponte entre o céu e a terra. Contudo, também vivemos em um tempo em que as trevas persistem.

Sim, a luz surgiu, mas não erradicou completamente as trevas. Contudo, o padrão do terceiro dia nos ensina que a luz e a vida virão, se confiarmos naquele que ergue a terra do mar, naquele que faz brotar as plantas da terra, naquele que ressuscita Jesus Cristo dentre os mortos e naquele que fará o mesmo por nós. Esta é a nossa esperança da ressurreição, e essa esperança remonta ao princípio e, maravilhosamente, nos conduzirá até o fim.

Apêndice A:

Uma lista de vários avistamentos do terceiro dia no Antigo Testamento

O Antigo Testamento está repleto de histórias, eventos e instituições que terminam no terceiro dia. Aqui está uma ampla seleção.

1. Abraão recebe Isaque de volta vivo. (Gênesis 22:4)
2. Jacó escapa ileso de Labão. (Gênesis 31:22)
3. Simeão e Levi vingam o pecado cometido contra sua irmã. (Gênesis 34:25)
4. José liberta seus irmãos da prisão no Egito. (Gênesis 42:18)
5. A praga das trevas no Egito será dissipada no terceiro dia. (Êxodo 10:22)
6. O exército de Faraó é destruído e Israel é libertado no Mar Vermelho (Êxodo 12:6, 29, 14:20, 27)
7. O Senhor encontrou-se com o seu povo no Sinai. (Êxodo 19:11)
8. Sacrifício concluído no terceiro dia. (Levítico 19:6-7, 7:17-18)

9. A vara de Arão produz botões, flores e amêndoas. (Números 17:8)
10. Parte do processo de purificação. (Números 19:19; 31:19)
11. O povo de Deus possui a Terra. (Josué 1:11; 3:2)
12. Os espíões escapam dos inimigos em Jericó. (Josué 2:22)
13. Tratado com os gibeonitas confirmado. (Josué 9:16)
14. Israel purifica o pecado em seu meio (cf. Sodoma). (Juízes 20:30)
15. No terceiro dia (em hebraico, “três dias atrás”), Rute encontrou seu “redentor”. (Rute 2:11)
16. Davi escapa dos planos de morte de Saul. (1º Samuel 20:19)
17. David salva a vida do escravo amalequita. (1º Samuel 30:1, 11)
18. Alívio do julgamento da pestilência. (2º Samuel 24:13)
19. Prolongamento da vida e cura para Ezequias. (2º Reis 20:5-6)
20. Más notícias para aqueles que servem a um rei mau. (2º Crônicas 10:12)
21. O templo foi concluído. (Esdras 6:15)
22. Ester, advogada de Israel, é recebida pelo rei. (Ester 5:1)
23. São concedidas cura e restauração. (Oséias 6:2)
24. Escapada da morte e da vida para o profeta Jonas. (Jonas 1:17)

Notas

1. Stephen Dempster, “De Slight Peg a Cornerstone a Capstone: A Ressurreição de Cristo no 'Terceiro Dia' de acordo com as Escrituras”, *Westminster Theological Journal* 76 (2014): 371–409; Nicholas P. Lunn, “Ressuscitado no Terceiro Dia de acordo com as Escrituras”: Tipologia da Ressurreição na Narrativa da Criação do Gênesis”, *JETS* 57/3 (2014), 523–35.
2. Para uma lista mais completa, compilada por um ex-membro de nossa igreja, consulte o Apêndice.
3. O restante deste ensaio foi desenvolvido a partir de um sermão que preguei sobre Gênesis 1:9-13, em uma série intitulada “Criação e Aliança”. Nessa série, argumentei que cada dia da semana da criação tem significado para a Cristologia e a Soteriologia, sem mencionar a Criação e a Nova Criação.
4. Estruturalmente, apenas os dias 3 e 6 possuem duas seções, sendo o dia 3 composto por dois atos de fala divinos (Gênesis 1:9, 11) e o dia 6 por quatro (Gênesis 1:24, 26, 28, 29). Ao todo, os sete dias contêm dez atos de fala divinos.
5. Andrew Louth e Marco Conti, eds., *Gênesis 1–11*, Comentário Cristão Antigo sobre as Escrituras (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2001), 13.
6. Matthew Henry, *Comentário de Matthew Henry sobre toda a Bíblia*, Vol. 1 (Peabody, MA: Hendrickson, 1991), 5.
7. Para uma definição completa de tipologia, veja Sam Emadi e David Schrock, “Typology”, em *Dictionary of the New Testament Use of the*

Old Testament, ed. GK Beale, DA Carson, Benjamin L. Gladd e Andrew David Naselli (Grand Rapids: Baker Academic, 2023), 852–60.

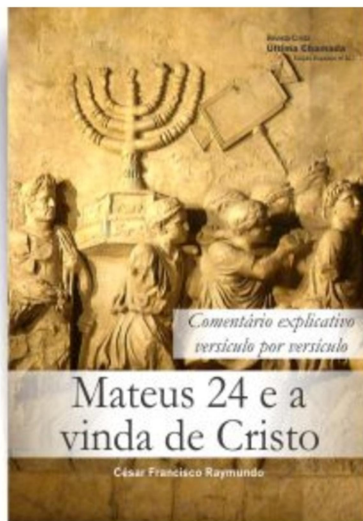
8. MacGyver era um personagem de televisão dos anos 80 que conseguia criar exatamente o dispositivo de que precisava a partir de peças sobressalentes aleatórias que tinha à mão para salvar o dia. Sua habilidade de improvisar com um palito de dente e uma pilha extra era incomparável.
9. Além disso, esses dois eventos de travessia de água, como tantos outros (ver Apêndice), ocorreram no terceiro dia (Êxodo 12:6, 29, 14:20, 27; Josué 1:11; 3:2).
10. Se refletirmos mais sobre isso, perceberemos que toda criança que é formada no ventre (Sl 139:13-16) também precisa passar pelas águas ao nascer. E esse nascimento natural se repete no novo nascimento dado pelo Espírito (João 3:3-8).
11. Nicholas P. Lunn, “Ressuscitado no terceiro dia de acordo com as Escrituras”: Tipologia da ressurreição na narrativa da criação do Gênesis”, *JETS* 57/3 (2014), 533.
12. Confirmando esse ponto, o maná no deserto é um alimento que Deus provê para o seu povo sem sementeira, colheita, aração ou plantio. Em suma, Deus alimenta o seu povo e as árvores frutíferas são o meio terreno para essa dádiva celestial.
13. Mark F. Rooker, *Levítico*, The New American Commentary (Nashville: Broadman & Holman, 2000), 291–292.
14. Embora essa característica do texto seja melhor compreendida por meio de uma comparação com Efésios 5:31-32, é inegável que, na plenitude dos tempos, o céu e a terra serão unidos por meio de Cristo e sua noiva (ver Apocalipse 21). Agradeço a Doug Ponder por me ajudar a perceber essa conexão.
15. Sobre o sétimo dia ser um dia de julgamento divino, veja meu artigo “O Primeiro Dia do Senhor (Gênesis 3): Sete Razões pelas Quais a Queda Ocorreu no Sétimo Dia”, Via Emaús .

16. Por exemplo, Paulo usa o primeiro dia da criação para descrever o novo nascimento em 2ª Coríntios 4:6. Assim como Deus disse “haja luz” quando criou o mundo, ele diz “haja luz” na alma do homem, quando Deus o tira das trevas e o conduz para o reino do seu Filho amado (Colossenses 1:13) — um reino de luz e vida.

Obras importantes para pesquisa

Faça download de nossos outros títulos em

www.revistacrista.org



Revista Cristã
Última Chamada

O livro mais
Amargo
da Bíblia dá suporte a



Esperança
Pós-milenista?

César Francisco Raymundo

KENNETH L. GENTRY JR.

PÓS-MILENARISMO
PARA LEIGOS

VOCÊ PODE ENTENDER
A PROFECIA BÍBLICA



Refutando o
Amilenismo
Dispensacionalismo
Pré-milenismo
Clássico

Jay Rogers

César Francisco Raymundo

revista cristã
última chamada

E se Deus
não tivesse nascido
de mulher?